

ESTADO DA
PARAHYBA
ANO III

06 DE NOVEMBRO
DE 1892

ESTADO DO PARAHYBA

ANNO III

Impresso nas officinas d'O PELICANO
de propriedade de Jayme Seixas & C.

5 RUA VISCONDE DE INHAUMA 5
PUBLICAÇÕES SOB AJUSTE.

DOMINGO 6 DE NOVEMBRO DE 1892

ESCRITORIO E REDACÇÃO

5 RUA VISCONDE DE INHAUMA—5
ENTRADA PELO BECCO

ASSIGNATURA

CAPITAL INTERIORE E ESTADOS
SEMESTRE 15000 ANNO 135000
MEZ 15000 SEMESTRE 75000
NUMERO AVELSO 5100 TRIMESTRE 15000

N.º 585

PAGAMENTO ADIANTADO.

VIOLENCIA Á IMPRENSA

De nosso illustre representante tenente Retumba recebemos o seguinte telegramma:

«Epitacio pronunciou vehemente discurso contra a administração do major Alvaro Machado, a proposito do incidente d'«O Parahybano». Causou grande sensação».

Actualmente

Os suissos do Dr. Alvaro Machado, a esta hora, devem estar ebrios de satisfação.

Os ultimos acontecimentos, de que foi protagonista a policia desabusada, impudente, deviam trazer aos *causeurs* do congresso um pretexto de sarau, em que a expansão de alegria pelas violencias feitas á imprensa tocasse ao delirio da cerveja e das walsas, a 20\$ a cabeça.

O que conclue-se dos escandalos da semana passada, é que o sr. José Neves, o presidente do Estado e o chefe de policia, todos no mesmo nivel de moralidade, com o mesmo peso de consciencia, ao mesmo impulso de sentimentos, são os chefes desta situação, no Parahyba.

Os mais, uns tantos nullos que sobem e descem diariamente as escadas do palacio, são meros comparsas, irresponsaveis e ehatos na mesma tonalidade baça de um anonymato.

A prova está no silencio passivo, humilde, servil, com que esses nossos patriotas acolheram a resolução do governo relativamente á imprensa livre,—eliminal-a pela violencia, ou armando capangas para o assalto, nas trevas, ou invadindo, em pleno dia, com praças municadas, as officinas do «O Parahybano».

E depois o cynismo, telegrapha, como excusa de tanta miseria, que a policia foi garantir a typographia ameaçada pela colera popular!

A indignação de todos quantos ainda não se agacharam rente com o tapete em que pisa o orgulho do dr. Machado, a indignação do povo parahybano é um facto; mas essa revolta surda de espiritos foi provocada pelas arbitrariedades proconsulares do governo, e contra este, que incommo-dado na susceptibilidade de amigos e parentes, foi além de toda e qualquer expectativa.

Podem mentir, tergiversar, como entenderem, os auctores do feio attentado contra a imprensa: a sua condemnação está lavrada no espirito publico, o desprestigio desta situação politica é uma realidade palpavel, tão nua que a não podem mascarar as sophisticacões do «Correio Official», por mais gongoricos e intrincados conceitos que entenda emittir.

A cordura legendaria de nosso povo não

permite uma sublevarão — que sejam os abusos da autoridade publica.

Eis porque no dia 3 do andante, não foram enxofadas as praças que fizeram das officinas do «O Parahybano» uma esquadra, para vergonha de nosso meio social, rebaixado por um bacharel inepto até a inconsciencia, vilipendiado por um sabujo arvorado em autoridade policial.

O apparatus bellico era desnecessario para conter o povo, que, em nossa terra, vê, commenta, lastima, indigna-se, mas não se revolta.

A secretaria de policia, feita arsenal de guerra, trahе apenas a paparrotice do senhor de engenho a quem os caprichos partidarios confiaram a força publica, revelam unicamente a gravidade comica do mandachuva de aldeia, a cuja disposição se achão as baionetas, para fazer eleições e satisfazer vingancas.

A população desta cidade, em entusiasmo partidario, dá quando muito um contingente de vozes esforcadas para os vivos das passeiadas; nunca, porém, hão de vel-a commocionada pelas grandes ideias, epica e terrivel como os povos capazes de reacção patriótica.

Podem mesmo prender, um por um, os redactores da opposição, que as massas revoltadas não enfrentarão as tropas do dr. Alvaro, que neste momento, passa, alegre, desceuidoso, burguez, a estação balnearia em Ponta de Mato, deixando ao José Neves os cuidados do governo.

Prepotencia e miseria

VIOLENCIAS CONTRA A IMPRENSA

Toda a população d'esta cidade tem sido testemunha indignada dos actos e factos covardes e miseraveis que n'estes dias se tem dado, e talvez por nossa miseria continuem ainda até epilogar-se de um modo consoante aos tredos planos premeditados, por parte da policia que está servindo de instrumento para satisfação de vingancas de seo proprio chefe, ou de outrem.

A nevrose de perseguição e violencia á imprensa que por mal de nossos foros de paiz civilisado alastra-se por quasi todos os estados da Republica, propagou-se tambem á nossa modesta e esquecida terra, encontrando no organismo do governo que infelizmente nos regé campo predisposto para seo desenvolvimento.

Quadra de mesquinha memoria será esta na historia quando cantastar que na epoca supposta do desenvolvimento e florescimento de todas as liberdades, retrogradavamos aos tempos tristes do garrote: as manifestações do pensamento, das descordadas perseguições á liberdade de consciencia de que é um corollario a liberdade de imprensa.

E' sobejamente conhecida de nossos cidadãos a historia politica que se tem desenrollado no estado n'estes dez ultimos mezes. Não vem a pello esmerilhar que motivos determinaram a scisão que ora se nota no partido que compacto e estimulado pelos proventos do poder assaltou o governo constitucional do estado em 27 a 31 de Dezembro: o choque das ambições que tinham galgado as culminancias; os detriectos Moraes que vieram á tona n'esse enximo que a politica de 23 de novembro fez re-prezar até nosso estado; o choque dos interesses inconfessaveis mal contidos, a gana de abocanhar e saquear o poder assaltado, cada qual julgando-se com direito ao melhor quinhão dos despejos opimos d'essa victoria ridicula em que elles representaram de mercenarios inconscientes, cuidando obrar por suggestão própria—tudo isso é principalmente a falta de unidade de vistas e de acção requisito que constitue a invencibilidade das aggremações; os moveis e alvos alevantados que constituem a cohesão dos partidos que só vivem com a condição especial de bater-se por uma ideia boa—tudo isso produziu o esphacellamento necessario nas bondas invasoras e produzi- rá o seo aniquilamento completo, em breve, porque entraram para essa commandita fallidas, inteiramente fallidas...

Consequencia da divisão do partido, da retirada d'aquelle que tinha talvez sido a *alma mater* do movimento deposicionista, ou pelo menos que representou moralmente isso, no estado e fora d'elle, foi collocar-se em opposição energica e vehemente o grupo dissidente, tendo como orgão na imprensa *O Parahybano*, folha até então governista, mas por entre cujas entrelinhas ha muito se vislumbrava *nuanças* de que não batia palmas a todos os actos politicos d'esse adventicio que ali está como um titere a desgovernar o estado, desengonçando-se ao talante de seus assessores, e deslustrando os foros com que a tuba da fama o annunciava ao mundo, mas que o tempo implacavelmente vae cobrindo de hera, mortalias das ruínas.

Não louvamos e nem louvaremos nunca os desmandos de linguagem as vehemencias injustas, nem represalias exageradas; e esse exemplo temel-o pregado e observado n'estas columnas, mesmo em tempo em que choviam nos aggressores e apodos que poderiam ser respondidos á força, mas não com o vomito das sargetas que nos atiravam.

Temos dito e diremos sempre a verdade inteira, incisiva, verdadeira, embora ella seja um caustico á face dos mais, um ferro em braza que calcine todas as podridões Moraes. Onde ella estiver com o fraco, espinhada, violentada, ali estaremos defen-

deão a dando-lhe evidenci e fazendo a tri-
umphar, por que so a verdade é santa e
eterna.

Em nossa edição anterior noticiamos os
primeiros factos de violencia de que foi victi-
ma o jornal O Parahyba, violencias esas
que com grande escandalo foram coroadas
ao sol do dia e perfilhadas pela policia.
Tanta desfaçatez, e tanto cynismo revoltaram
a população desta cidade que foi unanime
a condemnar esse estado e criminoso proce-
der, mesmo pelos affectos a actual situação.

Francas provas deixaram os assaltantes da
madrugada de 1 do corrente: apenas signa-
es de violencia em uma porta que tentaram
violentar, e gotas de sangue, attribuindo a
osmagamento de algum membro dos aggre-
sões quanto tentaram fôrca-la.

Esse facto passaria quasi despercebido,
apezar de ter-se populado logo a sua pa-
ternidade, si como uma confissão de autoria
no dia seguinte não fosse ineptamente o de-
legado José da Silva Neves Junior intimar
a proprietaria das officinas para fazer cessar
a publicação do jornal, sendo tambem ame-
açados os typographos, caso trabalhassem.

Desde logo accentuaram-se as suspeitas
que a policia não era alheia ao facto do dia e
a concenração dos factos posteriores, veio
confirmar isso.

E do dominio publico que foi exigido
que tal intimação fosse feita pelo 1.º dele-
gado capitão Caetano Daniel de Carvalho,
e que este recusando-se ao ignobil papel, as-
sumio o exercicio o sr. Neves que talvez
não tenha comprehendido o alcance do que
se lhe imputava.

O escandaloso e inaudito do caso, porém
consumou-se ostensivamente, com maior
menosprezo ás leis, como um arrollo de pro-
prietaria no dia seguinte.

O historico que se vai seguir pôde ser
testificado por toda esta cidade, e os redac-
tores desta folha foram testemunhas pre-
sencives.

As nove horas do dia 3 foi o edificio on-
de funciona O Parahyba invadido por
uma força de desejais pragas sob o com-
mando de um sargento e ás ordens do de-
legado Neves.

Sentinellas, de bayoneta calada, foram
postadas nas portas anteriores e posterio-
res, com prohibição absoluta de entrada. A
uma das proprietarias das officinas que ti-
nhá ido á missa, cremos foi vedado o in-
gresso, quando voltava de exercitar essa
função de vida religiosa.

Propagou-se rapidamente a noticia dessa
estapafúrdi invasão de força nas officinas
d'aquelle jornal e um dos redactores d'esta
folha dirigio-se á casa do dr. Eugenio Tor-
cano, redactor principal d'O Parahyba, e
ahi teve a confirmação do triste occorrido.

Imediatamente o nosso collega dirigio-
se com o Dr. Antonio Bernardino, tam-
bem redactor daquella folha, para o thea-
tro da invasão, e ao chegar, tentando
entrar, foi-lhes obsevado por parte da sen-
tinella que havia prohibição. Chamado o
sargento commandante e perguntado-se
lhe á ordem de quem tinha occupado
aquella casa, respondeu "que não conhe-
cia o homem, sendo preciso que a senti-
nella lhe dissesse que á ordem do sr. Ne-
ves".

Chegando este então o redactor desta
folha perguntou-lhe que aparato e scena
vergonhosa era aquella; e elle respondeu
que a policia alli tinha vindo *syndicar* a
veracidade dos factos relatados pelo *Estado*
daquelle dia, factos estes passados ha dois
dias. Perguntando-lhe mais si alli tinha
vindo por sua iniciativa, ou a mandado de
alguem, respondeu *aquella occasião não
podia responder, mas que o faria posteri-
ormente.*

Indagado, grande massa de povo que
tinha affluído, assistia a essa scena degra-
dante em que a policia se prestava ao pa-
pel criminoso de concençar e vedar o livre
exercicio do direito do cidadão.

A força estava armada de carabina e
munição, e mestros na sala os maços de
cartas e o corria a vareta pelo cano da
espingarda para mostrar a boa carga. Não
esperando a chefatura esteve preparado um
contingente tambem até as 6 horas da
tarde, e isso foi presenciado pelo coronel
commandante do batalhão e capitão do
porto que avia de sair, bem como todo o
povo aquella hora.

As três horas da tarde, correndo que
havia sido requerido *habeas corpus* ao juiz
federal, a força foi retirada das officinas.
Não cessou o aparato de força e durante
a noite a typographia foi vigiada por pra-
ças de policia.

Ainda ante-hontem os redactores reti-
raram-se da sala de redacção porque alli
apresentou-se o delegado com escriptivo e
ordenanças, a pretexto de inquerito ou
não sabemos o que, occupou a meza de
sorte que os redactores foram obrigados a
abandonar a sala.

Taes são em resumo os factos tristes de
que fomos testemunhas com toda a popu-
lação da cidade.

A solidariedade que nos impõe a profis-
são de jornalistas, o zelo que devemos ter
pelo livre exercicio do direito de nossos
conciudadãos, nos obrigam a collocar-nos ao
lado das victimas, defendendo-lhes os di-
reitos concençados a liberdade ameaçada.

O paradoxo dessas miserias não pode
ser previsto. Esses perigos tambem nos
ameaçam, porque somos imprensa que não
se intimida com arreganhos, mas que pode
desaparecer violencia de força, imprensa
intransigente, irreconciliavel no terreno
dos principios, que ha de bater até o últi-
mo alento essa situação nefasta que está
fazendo as desgraças da Patria.

A nosso favor temos a consciencia do
direito e a solidariedade valiosa da impre-
ssa livre da Republica. Os grandes órgãos
defendendo a imprensa violentada no Pa-
rahya, não de profligar e condemnar com
a sobrançeria da justiça a politica sinuosa,
obscuretesca e miseravel que ameaça
tragar as liberdades publicas.

João Chagas

Transcrevemos da "Gazeta de Noticias"
o artigo que o grande e valente republica-
no João Chagas publicou no jornal "A Por-
tuguez" no dia em que foi preso no Porto
e escripto quando reconheceu que sua ca-
sa era objecto da attenção da policia.

El-o:
«São duas da madrugada.
Calculei que só ia para as cinco elles de-
vem estar a contos comigo.
Aproveitemos o tempo.

O ter vindo a Portugal, terra banida para
as solas das minhas botas, não significou a
aventura de um espirito romanesco, em
busca de sensações medtas no perigo.

E' possivel que eu seja ligeiramente ro-
mânico, como todos os filhos dos burgue-
zes de 1830, e que nos meus pensamentos,
como nos meus actos, ponha esse provis-
to delicioso que attrahe todas as natu-
zas sensitivas para as commoções da vida.

Neste passo, porém a minha vontade
desempinhou um papel muito superior,
para que a allucinação e o capricho po-
dessem ter intervenido.

Via a Portugal para ficar.
Ate quando?
Não o previ.

No entanto previ tudo e, para não sof-
frer de arrepios, previ tambem o que succe-
der. Encontro-me, portanto, dentro de
uma situação que não me surprehende.

Estava muito longe em Africa!
Aproximei-me, e assim foi que, duran-
te oito mezas, a França me deu a sua bel-
la hospitalidade.

Mas de Paris não se ouve latejar o pe-
queno coração de Portugal. A França
faz os pueros que existe uma patria, e o
exilio entre os esplenhores da civilização
e como uma caixa-pecca n'um baite.

Estava ainda muito longe—aproximei-
me mais.

Assim ouviria melhor. Assim sentiria
mais.

Só se é portuez em Portugal; e, para
que eu proseguisse sem fraquezas a obra
pietosa que começámos a 11 de Janeiro de
1890, era-me mister reconstituir-me no es-
pectaculo do meu paiz, sentindo-o a meu
lado, reconhecendo-me dentro d'elle, tal
como elle é e não como já o supponha,
desorientado pela visão de outros povos e
de outras civilizações.

O exilio não inspira bem. Contém, como
um veneno, uma vaga nostalgia que en-
torpece o corpo e uma perenne amargura
que enluta o espirito.

A obra do exilado é raramente uma
obra de efeito na consciencia publica, jus-
tamente porque se resente d'esse mal estar
physico e d'esse como que facciosismo
moral!

Ora, eu, nós, todos nós os que alguma
coisa temos soffrido, devemo-lo esquecer
para continuar esta afanosa empreitada do
resurgimento nacional, sem queixumes ou
recriminações, imprimindo as nossas pa-
lavras e aos nossos actos esse caracter de
inquebrantabilidade que distingue os ho-
mens varonis dos homens tibios e dos ho-
mens pusillanimes.

O meu acto é, portanto, todo pessoal e
não envolve outra responsabilidade que
não seja a minha; só a minha.

A intervenção inopportuna dos agentes
da auctoridade não alterou por forma al-
guna o meu plano. Estou em Portugal,
entre portuezes.

Seja qual for o meu destino, não sup-
ponho que o exilio me espore novamente.
Isto me basta.

Entretanto saberei esperar, como o sa-
bem os que não temem que esperar muito,
satisfeito commigo proprio e mais feliz do
que os que me condemnam.

JOÃO CHAGAS.

Porto, 13 de Setembro de 1892.

Notas em recolhimento

E de bom aviso lembrar aos leitores as
seguintes notas que vão ser recolhidas:
As notas de 15 da 5ª estampa valem 940
ate dezembro de 1893 e depois nada valem.

As notas de 105 da 7ª estampa já não tem
valor algum.

As do Thezouro, de qualquer valor, que
estiverem carimbadas pelos bancos emis-
sores, recebem-se até 30 de dezembro e
d'ahi por diante não valem nada.

As de 5005 e 1095 da 5ª estampa, de 30
de abril em diante soffrem desconto.

As de 2005 da 5ª estampa valem 405 até
aquella mesma data e depois não tem mais
valor.

Estão se recolhendo as notas de 2005 da
6ª estampa, 3ª 4ª e 5ª series; as de 1005, 5ª
estampa, 8ª e 9ª series; 505 da 6ª estampa,
5ª e 9ª series; 205, 8ª estampa, 10ª, 12ª e
13ª series; 105, 8ª estampa, 22ª, 23ª e 24
series.

O carimbo a que acima nos referimos é
de letras vermelhas.

Por occasião do nonagesimo anniversa-
rio de Kossuth, a municipalidade de Turin
foi cumprimentar o celebre patriota hun-
garo em nome dos cidadãos turinenses.

Depois do discurso de saudação, a con-
versação recahou sobre diversos assum-
ptos, fallando-se finalmente nas mulheres
da Hungria. O presidente da municipali-
dade de Turin aproveitou o ensejo para
elogiar a sua belleza.

Um dos que se achavam presentes, em
humorístico tom, pediu a Kossuth seu pa-
recer sobre tão delicado ponto. O celebre
patriota respondeu, sorrindo:

—Meus bons amigos, diz-se que na Hun-
gria, minha patria, as mulheres são es-
plendidamente formosas, de luthas purissi-
mas e de elevado talento; pela minha par-
te, porém, não tive tempo de verificar se
isso é verdade. Além de minha esposa,
só uma outra mulher me absorve o cora-
ção e o espirito.

—E poderá saber-se o nome d'essa mu-
lher? perguntou timidamente um dos cir-
cunstantes.

—Chama-se a Patria, senhores! — exela-
mou Kossuth com os olhos brilhantes de
entusiasmo.

Fábula

Um pobre delegado teve, um dia,

A idea de engolir

Uma typographia.

E ell-o, o nosso heroe, a bocca á abrir

Desmesuradamente.

E perguntava a toda a gente:

«Já posso á devorar?»

«Não, dizem-lhe. Ainda é vos preciso

Abri...escancarar.»

Um garoto, porém, p'ra fazer riso,

Foi-se ao bicho encostando,

E pôde conseguir sereno e brando

Botar os proprios pés do Gargantua

Dentro da bocca. O animal, que cria

Ser a typographia,

Começou a engolir-se, e alli na rua

Em sulphydrico fez-se. A tout seigneur

(E' o caso) tout honneur.

Pue

Hypnotismo

O doutor inglez Mr. Bromvel, escreveu uma interessante
memória acerca das operações por elle feitas em diversos
doentes que, dominados pelo somno hypnotico, não soffriam
a menor dor.

Um doente arremou 7 dentes sem tomar nem sequer a
preparação de a adormecer.

Apenas se limitou a fazel-a acreditar que não sentiria dor
alguma.

Uma mulher atacada de typhoia, que não podia ler a
pequena distancia, senão em grandes caracteres, fez o Dr.
Bromvel capturar que leria facilmente caracteres microsco-
picos, conseguindo o seu proposito.

Mr. Bromvel affirma que pôde obter os mesmos resultados
em todos os doentes, repellido-lhes, uma vez acordados, a
ordem que lhes tenha dado quando se achem debaixo da in-
fluencia hypnotica.

O mesmo doutor tem mandado a casa de dentistas varios
doentes que levavam no bolso a ordem escripta de não sof-
rir.

Os doentes não tinham mais que ler a ordem quando se
sentavam na cadeira para permittir a operação, para não
sentirem a menor dor.

Estas coisas estranhas conservam a sua virtude durante
semanas inteiras e quando acortore algum doente, perdo as
coisas novamente ao medico a pedir-lhe escriptos da mes-
ma indole.

Por meio de suggestão Mr. Bromvel curou a mulher do en-
judo de um navio que fez a travessia de Londres a Goolce.
Muitos doutores, empregando analogos procedimentos,
tentu curar recentemente menomadas sinucias e monoma-
nias honificas.

Consorcio

No dia 17 de Outubro proximo findo
uniram-se pelos laços do matrimonio o illus-
tre dr. Antonio Marques da Silva Mariz e
a exm.ª sr. d. Emilia Marques Mariz.

Gratos a gentileza da participação que
se dignaram de enviar-nos, fazemos votos
para que proprio e honroso lhes seja o
novo estado que abraçaram.

O baião do Sr. Augusto

Lenos n'co Figaró:

Parte hoje para a Europa o illustrado
Dr. Augusto Severo de Albuquerque Ma-
ranhão, illustre filho do Rio Grande do
Norte que acaba de inventar um aerosta-
to dirigivel, no qual conseguiu com gran-
de economia de pezo, a justa posigão dos
centros de tração e resistencia.

O illustre irmão do digno governador
do Estado do Rio Grande do Norte, que já
tem garantia provisoria para o seu in-
vento, vai assistir á construcção do envo-
lucro do seu aerostato; cujas machinas,
barca e esqueleto rijo devem ser construí-
dos aqui no Brazil.

Dentro de poucas mezes teremos o pra-
zer de assistir á primeira ascensão livre,
segundo nos garante o illustre correli-
gionario Dr. Augusto Severo.

Finalmente lá vai o sr. Augusto a pro-
posito de ensaio de baião, fazer baião de
ensaio, flonando, recheado a dura exis-
tencia pela Europa!

Ah, felizardo, que tens parente alcaide,
n'lo poder algum outro mortal que faria
melhor figura do que tu, mamarr essa pe-
pinea de ir fazer bações na Europa!

O que vale é que o governo tem boa
mão para escolher gente para nos repre-
sentar no grande mundo.

Haja vista a commissão brasileira na
Exposição de Chicago, uma verdadeira
combica de nullidades onde á excepção
do secretario; nenhum outro pesca pata-
vina de inglez.

Quando não fivessemos productos que
mereceram ser expostos, essa impagavel
commissão merecia a medalha de ouro de
primeira classe, e o governo que a mau-
dott...merecia o reino do céu.

Só queria ver a cara do Sr. José Simão,
atarrachado em seus fardões e embasha-
cado nas cerimoniaes em que tem de re-
presentar a figura do Brazil.

Com certeza a commissão brasileira
será o clew á exposição.

Uma cerimonia original

Em Agosto, realizou-se em Dummow, a
original e secular cerimonia da flecha de
porco, já antiquissima na Inglaterra na
remota epoca em que Shakespeare escre-
viã as suas celebres tragedias.

Desde 1230, quem os costumes ingle-
zes que o casal que souber viver em paz,
sem discussões ou bate-boccas, durante
12 mezes e um dia, vá ao expirar aquelle
prazo, assistido pelos seus advogados, re-
clamar, perante um tribunal especial, o
premio relativo áquelle anno, o qual con-
siste n'um quarto de porco, enfeitado com
lagos de lita, a que chamam a «flecha» e
que é officalmente offerecido aos felizes
esposos, por um magistrado.

Os premiados são em seguida accom-
panhados triumphalmente n'uma volta que
dão em redor do verde prado, no centro
do qual tem assento o tribunal.

Em Dummow, a cerimonia obteve este
anno ignoto brillantismo.

Apresentou-se, em primeiro lugar, um
casal de velhos.

O marido, mister Herald, era um anti-
go soldado de 80 annos de idade, e a mu-
lher contava mais de 70 primaveras.

Ambos reivindicavam a «flecha» de por-
co, recordando que, desde o dia que ha-
viam sido ligados pelos laços do matrimo-
nio, realisado no anno em que nasceu o
principe de Galfes, nunca haviam brigado
uma só vez.

José Heard fallou depois do seu advo-
gado que acabara de celebrar em phrase
de idyllio a calma existencia d'aquelle
nova Beaucais e d'aquelle moderno Phi-
lémon.

Não era pelo valor da «flecha» de porco,
que o velho soldado reclamava o premio,
mas sim pela honra, declarava elle com
alt'voz, acclautada pela multidão enthu-
siasa.

Foi-lhes conferido o premio pelo juiz e
pelo jury formado por seis moças e seis
rapazes, entre vivas e palmas.

Outros pares mais jovens, porém não
menos amorosos, desfilaram tambem pe-
rante o tribunal.

Houve numerosissimos discursos; po-
theticos uns e divertidos outros.

As virtudes matrimoniaes foram enal-
tecidas e consoladas n'aquelle primiti-
va cerimonia, e a «flecha» de porco ser-
viu mais uma vez de exemplo e de sym-
bolo.

Felizes casas, bem se vê que nos vos-
sos lares não existem as terriveis sogras,
—esses eternos pontos de discordia entre
os maridos e as mulheres.

SONETO

Si é doce no recente ameno estio
Ver toucar-se amanhã de etheras flores,
E lambendo as areias e os verdores,
Molle e queixoso deslisar-se o rio;

Si é doce no innocente desafio
Ouvirem-se os alados amadores
Seos versos modulando, seos amores
Entre os aromas de pomar sombrio;

Si é doce mar e céu ver anillados
Pela quadra gentil de amor querida,
Que expêta os corações, floreira os prados;
Mais doce é ver-te, dos meos ais rendida,

Dar-me em teos brandos olhos desmaiado;
Morte, morte de amor melhor que a vida.
BOCCAGE.

NUM LEQUE

Amar e ser amado, que ventura!
Não amar, sendo amado, é um triste horror;
Mas, na vida, ha uma noite mais escura!
—E' amar alguém que não nos tem amor:

GONÇALVES CRESPO.

Mulher

Sempre e em todo tempo o homem pediu
a mulher, que fosse bella.

A evolução do progresso civil nos con-
duzirá insensivelmente a exigir das filhas
de Eva outras virtudes, mas enquanto o
homem calcar a superficie do seu planeta,
a primeira virtude da mulher será para
elle ser bella.

Moralistas e philosophos poderam de-
plorar-o, mas as couzas permaneceram no
mesmo posto. E' a natureza que o tem
querido.

A belleza da mulher tem uma tal força
e uma tal potencia que nivela-se ao ge-
nio. E de facto guerra e pazos, conqui-
stas d'imperios e infames submissões da
propria dignidade, heroismos sublimes e
obras insignes d'arte e litteratura, tiveram
inspirações ou estímulo ou occasião da
belleza femimil.

Até no céu das diversas mythologias os
Deoses se deixam prender pelas graças
d'uma Deosa. Sobre a terra depois Troya
é tomada, porque uma mulher bellissima
foi raptada e tambem hoje as mulheres e
as amantes dos reis, dos ministros e dos
homens politicos exercem grande influ-
encia sobre os eventos humanos.

A historia de França seria muito diver-
sa do que que é, se Eugenia de Montijo
fosse menos bella, e já Voltaire tinha es-
cripto, que se o nariz de Cleopatra fosse
mais curto ou mais comprido, a historia
do mundo seria diversa.

Touto appareu Venus, un pont de sa naissance,
Le ciel dans l'air son corps par le flot encesse,
Et contant, du premier client qu'elle avoit
Monter un chand' arrange et de reconnaissance

ANNUNCIOS**COLEGIO SANTA CRUZ**

Balbina Egídia de Albuquerque Maranhão declara ao publico que reabriu seu antigo collegio Santa Cruz á Rua Direita n.º 101, no qual ensina as seguintes disciplinas: primeiras lettras, grammatica Portuguesa, arithmetica, doutrina christã, costura, labirinto, bordados brancos, a ouro e a matiz, chrochet e musica vocal.

Garante toda dedicação e zelo e modicidade nas mensalidades, que serão acceitas em condições mais vantajosas de que em outra qualquer parte.

Espera a confiança dos pais de familia.

Estado do Parahyba, 17 de Setembro de 1892.

José Joaquim dos Santos Lima

compra ouro e prata tanto em moedas co-

mo em obras velhas, paga por mais que outro qualquer.

HOTEL DO NORTE

Hospedagem confortavel, com direito a banho frio, café pela manhã, 2 pratos ao almoço e 3 ao jantar, com sobre-mesa (sem vinho) chá e dormida. Por dia...3\$000 (mez, sob ajuste (pagamento adiantado).

PARAHYBA

Rua d'Areia N. 59.

Leoncio Hortencio.

José Felix de Mello Azedo, residente no largo da feira de Santa Rita, compra ouro e prata em moeda e obras pelo melhor preço do mercado da capital.

CIMENTO BRAZILEIRO

DA

ILHA DO TIPIRY

Qualidade superior ao importado do estrangeiro.

VENDEM A PREÇOS RAZOAVEIS
PAIVA, VALENTE & C.

VINHO COLLARES SUPERIOR

EM BARRIS DE DECIMO

RECEBERAM DIRECTAMENTE
e vendem a preços razoaveis
PAIVA, VALENTE & C.

COMMERCIO**ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL**

Segunda-feira 31 de Outubro, entrou em exercicio do cargo de director de semana
Manoel Henriques de Sá.

Manoel Henriques de Sá.

Em 4 de Novembro

Camb sobre Londres 13 d.

PAUTA DA SEMANA DE 31 DE OUTUBRO A 5 DE
NOVEMBRO DE 1892

PREÇOS DOS GENEROS SUJEITOS A
DIREITOS DE EXPORTAÇÃO

Alcool	litro	400
Aguardente de canna	litro	300
» » mel	idem	200
Algodão em rama	kilo	436
» flo	idem	650
Arroz em casca	idem	060
» » descascado	idem	200
Assucar branco	idem	260
Dito refinado branco	idem	500
Dito mascavado	idem	180
Dito bruto	idem	103
Borracha de mangabeira	idem	1\$000
Café bom	idem	1\$000
» restolho	idem	800
» torrado e muido	idem	1\$600
Cal	litro	050
Carne secca (xarque)	kilo	500
Charutos bons, em caixa	cento	4\$800
» ordinarios	idem	
Couros de boi	kilo	400
Ditos de bode e outros	idem	1\$000
Cigarros	milheiro	7\$000
Doce de goiaba	kilo	1\$000
Fumo bom em folha	idem	700
» ordinario em folha	idem	700
» em rolo	idem	900
» picado	idem	1\$300
» destiado	idem	1\$600
Feijão	litro	200
Farinha de mandioca	idem	060
Genebra	idem	400
Graxa e sebo	kilo	400
Milho	litro	100
Ossos	kilo	020
Pannos d'algodão	idem	800
Pontas de boi	idem	100
Queijos de qualquer qualidade	idem	1\$400
Rapé	idem	1\$600
Resina de cajueiro	idem	100
Sabão	idem	500
Sal	idem	020
Semente de algodão	kilo	013
Ditas de momona	idem	050
Tartaruga	idem	3\$000
Unhas de boi	idem	100
Vellas stearinas	idem	1\$000
Vellas de cera	idem	1\$600
Vinagre branco	litro	400
Vinagre tinto	idem	240
Vinho branco	idem	400
Carvão animal	kilo	133

O PELICANO**LOJA DE MIUDEZAS E ARTIGOS DE FANTASIAS.**

Fabrica de livros para escripturação mercantil e repartições publicas.

OFFICINAS DE**Tyographia, Lithographia, Pautação, Encadernação e****FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA.**

VARAS DOURADAS PARA MOLDURAS.

O PELICANO mandou vir da Europa um apparelho especial para serral-as, facilitando assim aos compradores transporta e armal-as sem prejuizo algum.

Papel de forro para sallas.

Sapolio artigo este indispensavel em qualquer casa de familia.

Tinta par marcar roupa.

Grande deposito de brinquedos para crianças.

Meias para homens, senhoras e meninos.

Calçados nacionaes e estrangeiros

Fitas de todas as qualidades, cores e larguras.

Collarinhos e punhos

LOJA DO PELICANO

Chapéos de sol e bengallas

Campas electricas, que podem ser montadas por qualquer pessôa.

Candieiros e lustres de cristal.

Papel de todas as cores e qualidades

Encerados para mesa. de bellissimo padrões.

Objectos para escriptorios,

Escovas para todas as necessidades domesticas.

Explendido sortimento de gravatas.

Objectos de vidros para toilet.

Nas officinas d'O PELICANO timbra-se cartões de visita com maxima rapidez.

Os proprietarios deste importante estabelicimento commercial confiam no auxilio do publico como recompensa aos seus esforços.

AO PELICANO

JAYME SEIXAS & C.^a

30—Rua Maciel Pinheiro—30

PARAHYBA,